

O Desenrolar de Carretéis de Histórias:

Resenha de um Livro de Narrativas de Vidas LGBTQIAPN+

Resenha do livro: AZEVÊDO, José Henrique Pires (Org.). *Fita: narrativas e memórias LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte*. 1. ed. Mariana: Ed. do Autor, 2023.

Mauricio João Vieira Filho¹

Publicado em 2023, *Fita: narrativas e memórias LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte* forma um material cuja riqueza reside justamente na singularidade de cada uma das histórias de pessoas LGBTQIAPN+² com mais de 50 anos de idade que se entrelaça em uma coletividade. Com acesso on-line e versões física e em áudio gratuitas, o livro se constrói como uma coletânea com narrativas que aconteceram em Belo Horizonte (ou BH, como nós mineiras e mineiros costumamos nos referir à capital), visibilizando diferentes perspectivas sobre uma mesma cidade, mas com olhares que trazem as memórias em primeiro plano a partir de questões sobre gênero e sexualidade nas vidas e relações consigo e com o espaço urbano. Na primeira página de apresentação, existe um alerta às leitoras e aos leitores para que não esperem por uma linearidade no contar e na rememoração, visto que “os textos aqui são cheios de vida e, exatamente por isso, são múltiplos e dinâmicos” (Azêvedo, 2023, p. 13).

Ter esse apontamento antes de começar a leitura é fundamental, já que o próprio livro sinaliza que narrativas são escolhas e tentativas de ordenamento de situações e visam dar sentido a memórias. Todavia, muitos episódios se esvaem, não conseguem ser materializados por meio da linguagem ou, até mesmo, são contados de formas diferentes a depender do propósito. Esse

¹Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e jornalista graduado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Desde 2019, é integrante do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença.. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9638-7390> Email: mauriciovieiraf@gmail.com

²O acrônimo LGBTQIAPN+ é adotado para preservar a mesma mobilização presente no livro e se refere às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários e outras identidades de gênero e orientação sexual. Embora seja uma sigla em expansão, há outras formas diferentes de escrevê-la, visto que está em constante atualização na cultura. Convém situar ainda que LGBTQIAPN+ pode não envolver diferentes identidades e expressões ligadas ao gênero e à sexualidade, porém é uma das possibilidades de visibilidade de indivíduos e grupos sociais pela linguagem.

olhar comunicacional para as narrativas nos suscita a apreensão de que trabalhar com narrativas de vida, como é o caso do livro, consiste em um método difícil e sensível que exige, sobretudo e a priori, *respeito*, conforme sinaliza Luís Mauro Sá Martino (2018). É respeitar quem conta e o que deseja contar, não tendo a pretensão de que o ato de relatar seja diacrônico e estritamente verdadeiro. Essa é uma ação que devemos ter — seja como pesquisadoras e pesquisadores que trabalham com relatos ou como pessoas abertas à escuta e à alteridade — e, ao ler esse livro, precisamos partir do princípio de respeitar o que é narrado. Ademais, Azêvedo (2023 p. 13) afirma que a narrativa de vida é um processo de *coragem*, que pode ser entendido tanto pela exposição que se dá a determinados acontecimentos íntimos, tornando-os públicos, quanto ao se voltar para memórias difíceis de serem ressignificadas.

Como pontuado, o livro é resultado de um projeto, que recebeu financiamento por meio uma lei municipal de incentivo à cultura, e seu cerne se constrói pelas memórias de pessoas LGBTQIAPN+ com mais de 50 anos. Segundo os idealizadores, “o interesse sempre foi saber o que surgia quando começávamos a falar em gênero, diversidade sexual e cidade em uma mesma conversa” (Azêvedo, 2023, p. 15). Por meio de entrevistas realizadas com 18 pessoas, as histórias foram escritas e, antes da publicação, lidas, atualizadas e corrigidas por quem contou. Importante enfatizar que não é um processo de escrita de si, aos termos foucaultianos, ou um biografar que almeja certa completude de uma vida, mas um processo elaborado a partir de entrevistas, o que, em certa medida, orienta o que cada pessoa conta e baliza o processo de rememoração.

Há três pontuações que precisam ser realizadas para situar o contexto e a leitura. A primeira se refere ao momento político em que as histórias foram narradas. Mesmo que digam sobre passados ocorridos em Belo Horizonte, o momento presente da narração coincide com um período de gestão política de um presidente de extrema-direita no país. Vale resgatar que, entre 2019 e 2022, o Brasil esteve mergulhado em uma conjuntura de conservadorismos e ataques constantes à democracia, o que impactou diretamente as vidas LGBTQIAPN+, desde as tentativas de apagamento de direitos conquistados, passando por sensações de medo e desamparo, até os discursos presidenciais e políticos cujo esteio era legitimar violências LGBTfóbicas. O segundo ponto se refere à pandemia de covid-19 e seus efeitos no cotidiano. Nesse período, as ações do projeto precisaram ser ajustadas diante da emergência da doença e as imposições sanitárias para o controle da disseminação viral, o que fez com que as entrevistas deixassem de ser feitas presencialmente e passassem a ser conduzidas on-line. O terceiro aspecto

é a cidade onde as histórias se passam e são rememoradas — Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, lugar que, como estuda Luiz Queiroz (2018), precisa de articulações para resgatar e construir a história de movimentos e organizações LGBTQIA+ e das sociabilidades que ocorreram no passado.

O livro se divide, após a seção de apresentação, em 16 capítulos. Em cada um, há uma narrativa de uma vida e um mapa de locais por onde os relatos se passam. As pessoas são identificadas pelo nome ou pseudônimo. Ei-las: Álvaro, Dri Gualuppo, Ed Marte, Francisco, Glauça, Helô e Clô, Kenia, Lorena, Luiz, Marcia e Suzana, Marcus, Marilda, Paulo, Soraya, Tarcísio, Toninho. Nesta resenha, não há o objetivo de resumir cada capítulo ou as histórias narradas, uma vez que um movimento dessa natureza teria um caráter hermenêutico ou compilador que levaria a uma visada estreita e assolaparia a potencialidade constituinte da própria narrativa. Cada leitora e cada leitor, ao caminhar pelo livro, terá apreensões distintas, entrelaçamentos ou distanciamentos com o que é narrado, envolvimento (ou não) com os espaços urbanos, identificações com as pessoas. Na totalidade da coletânea, percebe-se um gesto político de reconstruir passados que foram invisibilizados ou que não ganharam destaque no curso da história da cidade e, de modo geral, dos movimentos sociais organizados.

Importante notar que as articulações de diferentes temáticas emergem quando se conta a vida para além das amarras normativas. Há percepções sobre os preconceitos sofridos pelas intersecções entre gênero, sexualidade e idade; sobre as relações do passado e as saudades; sobre os trabalhos que conseguiram para sobreviver. Também há entrelaçamentos com os relacionamentos e as sociabilidades que se estabeleceram como modos de viver em tempos de preconceitos e estigmas, de clandestinidade e esconderijos. Há ainda olhares que se voltam ao tempo presente da pandemia de covid-19 e as afetações e os efeitos na vida cotidiana. Expõe, assim, os desafios para viver e para seguir.

Narrar uma vida é um processo instigante, lembrar não é tarefa fácil, pois é um processo de se deparar com amarguras e doçuras que compõem quem somos. Ao desenrolar os carretéis da *Fita*, vemos o fazer político no contar dimensões da própria história, capturando a cidade e seus espaços, ao mesmo tempo que se expõem para leitoras e leitores que se desconhecem, mas que se entrelaçam como outras fitas. As histórias não têm fotografias para nos mostrar quem são os rostos que dizem sobre as próprias vidas, porém a sensação é de uma conversa, próxima e

confidente, na qual imaginamos quem são e nos abrimos para as afetações³. Há histórias com dores e alegrias, desejos e sonhos a serem realizados, processos de subjetivação e registro de si no mundo. Por tudo isso, o livro é uma criação potente para estudos que querem debater os espaços biográficos contemporâneos, as dinâmicas entre ficcionalizar e relatar acontecimentos, os processos de criação pela linguagem, assim como estudos que se voltam para o entendimento de Belo Horizonte e as sociabilidades LGBTQIA+ ou, ainda, para os estudos de gênero e sexualidade que tensionam as singularidades das vidas e as questões emergentes sobre as identidades, as expressões e as construções sociais.

Fita não é um livro acadêmico, no qual vamos encontrar discussões teóricas, conceituais ou metodológicas que permitem avanços em torno das questões de gênero e sexualidade. A primeira impressão que as leitoras e os leitores podem ter é de se tratar de um compilado de histórias individuais que se situam em uma cidade mineira. No entanto, ao passo que a leitura avança, os momentos narrados ganham força e se entrelaçam em uma rede coletiva de vidas singulares. Esse movimento pode ser entendido também em um sentido epistemológico, pois permite avançar nos conhecimentos a partir de vidas e experiências. O território comum de Belo Horizonte deixa de ser um espaço urbano solidificado como a capital mineira, onde passados aconteceram e presentes seguem em tessitura, e se torna um amálgama de diferentes olhares, vivências e memórias. Dessa forma, concluímos que o livro pode ser compreendido como um *espaço biográfico*, como traz a conceitualização de Leonor Arfuch (2010). Queremos dizer que o livro não é uma biografia ou um diário de intimidades, nem mesmo um conjunto de relatos soltos e despreziosos, mas, sim, um espaço com pluralidade composto por vidas.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AZEVÊDO, José Henrique Pires (Org.). *Fita: narrativas e memórias LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte*. 1. ed. Mariana: Ed. do Autor, 2023. Disponível em:

³Emprega-se esta palavra não no sentido dicionarizado. A intenção é um abrir-se ao inesperado.

<https://drive.google.com/file/d/1BGEA048Uhwlw4rLQ92y4CqixRU6-AZLT/view>. Acesso em: 31 maio 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Métodos de pesquisa em Comunicação: projeto, ideias, práticas*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. Vestígios de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996). *Rebeb – Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S. l.], v. 1, n. 04, p. 62-76, 2018. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeb/article/view/164/113>. Acesso em: 31 maio 2024.